

OS RÓTICOS NO VARSUL: UMA GENERALIZAÇÃO DE DADOS¹

Eneida de Goes Leal²

eneidaleal@yahoo.com

Resumo: O principal objetivo no presente artigo é buscar uma generalização sobre a variação do rótico no VARSUL, com base numa proposta restritiva (Bailey e Tillery 2004) e em outra mais abrangente (Leal 2015). Para a primeira proposta, as comparações feitas revelaram impossibilidade de generalização, já que os trabalhos apresentam características diferentes (na origem dos dados, na constituição das amostras e/ou nas estratégias analíticas utilizadas). Com a segunda proposta, houve possibilidade de generalização, comparando os dados segundo a somatória de resultados, ou seja, foram observados os diversos aspectos de apagamento e realização dos róticos, cuja implementação depende principalmente da posição na sílaba e da localidade do falante. Salientamos ainda que generalizar dados é extremamente necessário e bastante importante para os estudos linguísticos, a fim de traçarmos os mecanismos do português brasileiro como um todo, ainda que haja muitas limitações.

Palavras-chave: generalização de dados; Sociolinguística Variacionista; róticos

Abstract: The purpose of this paper is to find generalization in VARSUL rhotic variation, based on a restrictive proposal (Bailey TIRAR e INSERIR “and” Tillery 2004) and a broader one (Leal 2015). Regarding the first one, none comparisons were done, since the works bear different characteristics (in sample populations, in analytical strategies, and in methods employed to TIRAR generate INSERIR “generalize”). As for the second proposal, generalization was possible: the data were compared by adding each work result, i.e., several aspects of rhotic deletion and realization were observed, and its implementation depends mainly in syllable position and speakers’ dialect. Although data generalization is very important for linguistic studies, there are many limitations in doing so. Therefore, future studies are urged, in order to delineate INSERIR “Brazilian” Portuguese system as a whole.

Keywords: data generalization; Variationist Sociolinguistics; rhotics

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o objetivo principal é generalizar dados, examinando a variação do rótico no VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), projeto que abrange os três estados do Sul do Brasil.

Ao generalizar, o pesquisador deve comparar trabalhos que tenham características semelhantes, segundo Bailey e Tillery (2004). No entanto, surge a

¹ Agradeço à Prof^a. Dr^a. Leda Bisol pelos comentários, discussões e leitura prévia deste texto.

² Doutora; Pós-Doutoranda (DocFix/FAPERGS-CAPES – 2012-2016), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

seguinte questão: até que ponto as semelhanças devem ser consideradas e, de forma contrária, até que ponto os aspectos semelhantes não precisam ser levados em conta? Como se verá na seção o, utilizações divergentes de metodologias fazem com que generalizações entre trabalhos sociolinguísticos sejam difíceis (e até mesmo impossíveis) de serem feitas. Ao mesmo tempo, é imprescindível que generalizações de trabalhos sejam feitas no Brasil, apesar de as metodologias (de generalização) encontradas na literatura sejam frágeis (cf. seção o).

Entendemos que há dois procedimentos metodológicos para generalizar trabalhos sociolinguísticos: (i) o tipo restrito: comparando-se trabalhos segundo a proposta de Bailey e Tillery (2004) (cf. seção 1.1); e (ii) o tipo abrangente (cf. Leal 2015): em que foi realizada uma generalização alternativa, abarcando as tendências na variação do apagamento e da realização dos róticos no VARSUL (cf. seção 1.2).

O presente artigo está assim organizado: na seção o, apresentamos os fundamentos para se realizar uma generalização de dados; em o, estão as análises dos trabalhos do VARSUL; na seção o, há considerações finais; em seguida, estão as Referências Bibliográficas utilizadas.

DOIS TIPOS DE GENERALIZAÇÃO DE DADOS: FUNDAMENTOS, LIMITAÇÕES, EFEITOS DE METODOLOGIAS DIFERENTES, (IM)POSSIBILIDADES

Trabalhos sociolinguísticos têm como premissa a comparação de falares, seja entre informantes, localidades, dialetos. Com base em um instrumental estatístico, o pesquisador de fonologia busca em quais contextos – linguísticos e extra-linguísticos – há variação de formas, interpretando os valores estatísticos de favorecimento, desfavorecimento ou neutralidade de determinadas interferências como características sociolinguísticas. Assim, logo no estágio inicial, há uma busca por generalizações de dados.

Há um quê de contradição nesse tipo de pesquisa, pois geralmente é bastante específica, ao mesmo tempo em que o pesquisador busca generalizações, confrontando resultados, a fim de verificar as características de uma determinada população.

Se existe esse paradoxo dentro de um único estudo, comparar diversos trabalhos sociolinguísticos com a finalidade de generalização pode se apresentar como uma tarefa por demais complicada. Uma primeira limitação diz respeito aos

próprios dados: não dá para voltar a eles nesse tipo de pesquisa. Além disso, a depender das configurações feitas nas pesquisas, o cotejo do que já foi produzido se torna irrealizável.

Por outro lado, neste momento por que passa a pesquisa sociolinguística, há muitos trabalhos realizados, por todos os lugares do Brasil, e é cada vez mais necessária a feitura de generalizações, em busca de unir o que Tarallo (1989) chamou de “Fotografias Sociolinguísticas”.

Assim, apresentamos nesta seção dois tipos de generalização que podem ser encontrados na literatura: o tipo restrito (cf. subseção 1.1), de Bailey e Tillery (2004), e o tipo abrangente, proposta por Leal (2015) como uma análise alternativa dos dados (ver 1.2).

1.1. O TIPO RESTRITO

Nesta seção, apresentamos a proposta de Bailey e Tillery (2004) para trabalhar com generalização de resultados de estudos sociolinguísticos.

Para os autores (Bailey e Tillery 2004:11), a fim de comparar resultados de trabalhos em busca de generalização, há duas exigências: primeiramente, os estudos devem conter **regularidade** (ou seja, se houver investigações repetidas de um mesmo fenômeno linguístico, os resultados devem ser iguais); em segundo lugar, deve haver **intersubjetividade** entre os trabalhos (se diferentes pesquisadores analisarem um mesmo fenômeno, os resultados deverão ser iguais). Agregadas à regularidade e intersubjetividade, há ainda três condições, que dizem respeito a semelhanças metodológicas e analíticas nos trabalhos:

- na **origem dos dados**: devem ser iguais o banco de dados, a época em que os dados foram coletados, as características dos informantes e das comunidades a que pertencem;
- na **constituição das amostras**: os grupos de fatores externos utilizados na estratificação devem ser os mesmos; e
- **estratégias analíticas** estabelecidas pelos pesquisadores: devem ser similares os levantamentos de dados, as configurações das variáveis, feitura de amalgamações e cruzamentos.

Os autores apresentam uma comparação de dez trabalhos que abordam o

apagamento do singular na 3ª pessoa no **African-American Vernacular English** (AAVE), cujos resultados estão reproduzidos a seguir:

Localidade	Autor	%
Georgia	Sommer (1986)	77
Mississippi	Wolfram (1971)	87
Texas-Rural	Bailey (1993)	73
Texas-Urban	Bailey (1993)	86
TX-Houston	Cukor-Avila (1997)	83
North Carolina	Butters e Nix (1986)	52
Maryland	Whiteman (1981)	73
Washington, D.C.	Fasold (1972)	83
California	Rickford (1992)	73
Michigan	Wolfram (1969)	77

Tabela 1. Porcentagens de apagamento de **-s** no singular em 3ª pessoa no AAVE (adaptado de Bailey e Tillery 2004: 12)

Na Tabela 1, podemos observar que o apagamento de **-s** se aplica entre 73% e 87% em nove trabalhos. No entanto, Butters e Nix (1986) encontraram 52% de apagamento. Desses resultados, Bailey e Tillery (2004) entendem que:

No que concerne ao **-s** verbal, o AAVE na Carolina do Norte é ou muito diferente do AAVE em outras partes do país, incluindo outras partes do Sul, ou há um problema de intersubjetividade.³

Então, para os autores, os resultados da Tabela 1 não apresentam regularidade, nem mesmo intersubjetividade, e explicam que as metodologias em trabalhos sociolinguísticos atuais parecem não apresentar mais o rigor necessário que antes existia, ou seja, “methodological rigor has lessened considerably” (Bailey e Tillery 2004:11).

Entendemos que o que pode ser uma razão para resultados divergentes é diferenças metodológicas entre os trabalhos, como mostram Rickford et al. (1991), com comparações entre análises de variação do verbo **to be** no AAVE. A questão discutida pelos autores diz respeito à definição da variável dependente, com base em dados hipotéticos, representados por **R** (10 ocorrências de **Realização de is** ou **are**); **C** (10 ocorrências com **Contração**, como em **'s** ou **'re**); e **A** (10 ocorrências com **Apagamento**):

³ At least in regard to verbal **-s**, AAVE in North Carolina is either very different from AAVE in other parts of the country, including other parts of the South, or there is a problem with intersubjectivity.

(a) Contração simples	C / (R + C + A) = 10/30 = 33%
(b) Apagamento simples	A / (R + C + A) = 10/30 = 33%
(c) Contração – Labov	(C + A) / (R + C + A) = 20/30 = 67%
(d) Apagamento – Labov	A / (C + D) = 10/20 = 50%
(e) Contração – Romaine	C / (R + C) = 10/20 = 50%

Tabela 2. Diferentes fórmulas para formas plenas, contração e apagamento de **is** e **are** no inglês afro-americano (adaptado de Rickford et al. 1991:106)

Na Tabela 2, observam-se cinco fórmulas que podem delimitar a variável dependente no que diz respeito à realização, contração e ao apagamento de **is** e **are**. Calcular as contrações em (a) e apagamentos simples em (b) requer dividi-los pela soma de todas as *tokens* de formas plenas, contrações e apagamentos, o que resulta em 33% de ocorrências para cada um deles. Na fórmula apresentada em (c), as ocorrências de contrações **'s** ou **'re** devem ser equiparadas aos casos de apagamento, e que, portanto, devem ser somados, e só então deve-se dividir pela somatória de todas as ocorrências de formas plenas, contrações e apagamento, cujo resultado é 67%. Em (d), as formas plenas são desprezadas, e são computadas as proporções entre apagamentos e contrações **'s/'re** somadas a apagamentos, totalizando 50%. Não estão computados os apagamentos em (e), e o critério é o mesmo daquele empregado em (d): dividem-se as contrações por formas plenas somadas às contrações, e o resultado é de 50%. Assim, é possível verificar que diferentes modos de se olhar para uma mesma variável linguística (a produção do verbo **to be** no AAVE) acarretam resultados muito diferentes.

A tarefa de traçar um panorama de dialetos diferentes (mesmo que seja mostrar um único processo fonológico em diferentes variedades, investigando quais são as diferenças e igualdades entre eles) é bastante importante, mas muito difícil de se fazer, principalmente porque é mais usual encontrarmos trabalhos (feitos por pesquisadores diferentes) em que os métodos empregados são diferentes, do que com uma metodologia semelhante que possa ser comparada – nos termos de Bailey e Tillery (2004).

Poderíamos supor que há na literatura pelo menos um exemplo de regularidade e intersubjetividade entre trabalhos, especificamente sobre o rótico em posição de coda em Nova Iorque, pois houve duas réplicas ao trabalho de Labov (2006[1966]).

Com seu estudo em três lojas de departamento de Nova Iorque, Labov (2006[1966]) apresentou uma metodologia extremamente simples e eficaz para se

trabalhar a variável (r) em coda, obtendo dados variáveis em que o /r/ poderia ser apagado (como em **first floo[Ø]**) ou pronunciado (**first floo[r]**), fazendo gravações em três lojas nova-iorquinas. Vinte anos passados, Fowler (1986) replicou o trabalho; da mesma forma, 45 anos depois do original (e com 24 anos de intervalo do estudo de Fowler 1986), Mather (2011) replicou o estudo de Nova Iorque sobre a variável (r) em coda.

Fowler (1986) e Mather (2011) observaram o mesmo fenômeno, a mesma comunidade, com uma estratificação e estratégias analíticas iguais. O que varia nos três trabalhos é apenas o tempo em que os dados foram coletados, com o intuito de retratar se/como se estabeleceu a mudança linguística do /r/ em Nova Iorque.

Apesar de serem observações repetidas de realização/apagamento do rótico, utilizando-se a mesma metodologia de Labov (2006[1966]), as coletas foram feitas, obviamente, em épocas diferentes. Ainda, no trabalho sociolinguístico efetivo, surgem questões alheias ao pesquisador, mas que devem ser, de alguma forma, resolvidas por ele. Por exemplo, ambos Fowler (1986) e Mather (2011) tiveram de substituir a loja de departamento S. Klein, com a qual Labov (2006[1966]) trabalhou originalmente, porque essa loja fechou na década de 70. Os resultados apontam que não houve implementação da produção do rótico nas lojas de classe operária e que houve um crescimento robusto na produção desse segmento em ambas as lojas de classe média alta e de classe média baixa.

Esse exemplo de um original ser replicado duas vezes mostra que, se seguirmos a proposta de Bailey e Tillery (2004), não há como buscar regularidade e intersubjetividade em Labov (2006[1966]), Fowler (1986) e Mather (2011), já que, propositadamente, a constituição das amostras é diferente nos três trabalhos (as coletas têm datas diferentes).⁴

A partir do exposto nesta seção, podemos dizer que a proposta de Bailey e Tillery (2004) parece ser estabelecida para confirmar resultados, e não generalizá-los de fato: trabalhos com regularidade e intersubjetividade implicam origem de dados, constituição de amostras e estratégias analíticas iguais, o que, de fato, é muito difícil de ser implementado, mesmo em réplicas.

Sendo assim, propomos uma generalização alternativa, como apresentado na subseção seguinte.

⁴ Cf. também Leal (2015) sobre dificuldades de generalização na proposta de Bailey e Tillery (2004).

1.2. O TIPO ABRANGENTE

Como se pôde observar na subseção anterior, há bastante rigor metodológico na generalização de dados de Bailey e Tillery (2004). Se, por um lado, essa proposta traz consistência aos estudos de generalização (ao confirmar regularidade e intersubjetividade), por outro, os critérios utilizados suscitam algumas perguntas:

- I. Se a origem dos dados tem de ser a mesma, como comparar pesquisas já feitas sobre um único processo, mas em estados/cidades brasileiros diferentes? Por exemplo, como poderíamos comparar os resultados de harmonia vocálica encontrados por Schwindt (1995), que trabalhou com harmonia nas vogais /e/ e /o/ em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, e aqueles encontrados por Silva (2007), que estudou Teresina, cujas vogais-alvo para harmonia são /e/, /o/, /ɛ/ e /ɔ/? Observe que essas últimas duas vogais fazem parte do sistema teresinense.
- II. Com relação à constituição das amostras, se as variáveis externas utilizadas na estratificação devem ser as mesmas, como seriam generalizáveis trabalhos como Labov (2006[1966]), Fowler (1986) e Mather (2011) (cf. subseção 1.1), em que a ideia de Fowler (1986) e Mather (2011) é exatamente verificar diferenças diacrônicas? Ou, de modo mais geral, como generalizar na diacronia?
- III. Finalmente, quanto a estratégias analíticas determinadas pelos pesquisadores, como o refinamento nas análises deve ser feito, de modo que possibilite generalizações? Até que ponto deve-se colocar o aprimoramento estatístico de lado, padronizando variáveis, e deixar de cruzar grupos de fatores, de fazer amalgamações, cruzamentos?
- IV. Como poderíamos fazer generalizações de resultados no português brasileiro?

Em razão das questões apresentadas de I-IV, propomos uma análise alternativa de generalização, menos restrita do que aquela oferecida por Bailey e Tillery (2004), em que o objetivo é comparar os trabalhos de um modo “aditivo,” isto é, cada resultado é somado a outro e a outro, a fim de traçar um panorama do rótico no Sul do País. Em outras palavras, nesse tipo de generalização, o objetivo é fazer

generalizações “somatórias”, agregando resultados dos trabalhos⁵. Pode-se deparar com falhas metodológicas nos estudos, e essas observações devem ser pontuadas para que trabalhos futuros possam ser beneficiados, no sentido de que problemas metodológicos não precisem ser reproduzidos. Para exemplificar resultados “somatórias”, supomos que haja dois trabalhos que tratam da realização de **r** em Porto Alegre e outro examina **r** na mesma cidade; nesses casos, a generalização provém de demonstrar favorecimentos e desfavorecimentos, verificando por que/como a variante **r** ou **r** ocorreu nos trabalhos, explicando os contextos (linguísticos e/ou sociais) em que ambos podem aparecer (com ou sem favorecimento).

Ainda, **comparação** e **generalização** devem ser diferenciadas nos termos em que foram usadas neste trabalho: a **comparação** diz respeito a trabalhos que são confrontados, a fim de se verificar quais pontos têm em comum e se os aspectos diferentes impedem a generalização; quanto ao termo **generalização**, diz respeito a um panorama de resultados. Em outras palavras, nem todos os trabalhos comparáveis podem ser generalizados; mas todos os trabalhos generalizados passaram previamente por comparações.

Para generalizar, entendemos que as comparações entre os trabalhos só podem ser feitas via tendências, em que foram utilizados os símbolos \uparrow e \downarrow nas Tabelas aqui apresentadas, os quais indicam, respectivamente, favorecimento e desfavorecimento dos processos em que os róticos estão sujeitos – como se verá na subseção 1.5, houve possibilidade de apagamento do rótico (cf. 1.5.1) e de diferentes realizações de variantes do rótico (ver 1.5.2).

Essa estratégia de comparar favorecimento e desfavorecimento por tendências deve ser utilizada, porque entendemos que não há como comparar (e, por conseguinte, generalizar) porcentagens e pesos relativos dos resultados, uma vez que são medidas que dizem respeito a cada trabalho, em que os valores só podem ser comparados dentro deles. Tagliamonte (2006:145) esclarece:

Na literatura, podem-se encontrar pesquisadores que dizem que, acima de .50, há favorecimento de aplicação da regra e, abaixo de .50, há desfavorecimento. Ainda que isso seja de modo geral verdadeiro, não é o modo mais preciso de se conceber os pesos relativos. Alternativamente, é a

⁵ Agradeço à Prof^a Dr^a Maria Bernadete Marques Abaurre pelo comentário proferido no **II Encontro do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL**, que ocorreu na Universidade Federal de Uberlândia, em que validou a questão de se generalizar dados de acordo com resultados que podem ser agregados, realçando aspectos metodológicos que possam colaborar com trabalhos futuros.

posição **relativa** dos pesos dos fatores, ou seja, a relação entre eles que é o critério relevante para interpretar os resultados. (grifos nossos)⁶

Assim, as setas indicam a direção e a tendência da regra – o que pode, a nosso ver, ser uma tentativa de extraírem-se regularidades e tendências. Em outras palavras, numa generalização de dados, não é possível computar porcentagens e pesos relativos obtidos em diferentes trabalhos porque cada número (seja em porcentagens ou em pesos relativos) diz respeito àquele universo único.

Na próxima subseção, apresentamos os estudos prévios sobre generalização de dados do rótico no VARSUL.

1.3. TRABALHOS ANTERIORES SOBRE GENERALIZAÇÕES

Como foi visto nas subseções 1.1 e 1.2, é bastante difícil encontrar uma metodologia que não seja tão rigorosa quanto a de Bailey e Tillery (2004). Assim, há poucos trabalhos sobre generalização de dados no português brasileiro, e algumas exceções são Tasca (2002) (que fez uma síntese dos resultados sobre a lateral no VARSUL), Collischonn e Monaretto (2012) (que apresentaram a relevância de um Banco de dados como o VARSUL e as possibilidades de generalização de resultados com esse banco na área de Fonologia) e Leal (2015) (que trabalhou com a generalização das laterais no VARSUL). Especificamente sobre a generalização dos róticos, há os trabalhos de Brescancini e Monaretto (2008) e Monaretto (2009), que estudaram os seguintes trabalhos:^{7, 8}

⁶ In some places in the literature you will find analysts saying that anything over .50 favours the application of the rule and anything under .50 disfavors. While this is generally true, it is not the most accurate way to conceive of factor weights. Instead, it is the relative position of factor weights, vis-à-vis each other, that is the relevant criterion for interpreting the results.

⁷ Na região sul do Brasil, as possibilidades de realização do rótico são as seguintes: a vibrante alveolar [r] (usamos o símbolo **r** para representá-la no presente trabalho); a fricativa velar [x] (simbolizada com **x**); o tepe [ɾ] (cujo símbolo utilizado é **r**); a retroflexa [ɽ] (representada por **ɽ**); e, finalmente, o apagamento do rótico (usamos **Ø** para simbolizá-lo).

⁸ Nesta nota, apresentamos as abreviações utilizadas neste artigo (sobretudo nas Tabelas): os símbolos **B&M(2008)** e **M(2009)** foram usados para representar os trabalhos de Brescancini e Monaretto (2008) e de Monaretto (2009), respectivamente; **Dep** = Variável Dependente; **apl** = fator de aplicação da Dependente; **|r|** = realização do rótico em oposição a **Ø** = apagamento do rótico; **|ant|** = /r/ anterior que é qualquer som em que há uma obstrução localizada na zona anterior do boca (englobando a vibrante alveolar [r] e o tepe [ɾ]; o retroflexo [ɽ]); **σ** = sílaba; **Esc.** = Escolaridade; **Inf.** = Número de informantes; e **tend.** = tendência. As cidades foram abreviadas da seguinte forma: **Blu** = Blumenau; **Cur** = Curitiba; **Flo** = Florianópolis; **Lag** = Lages; **Lon** = Londrina; **MoB** = Monte Bérico; **PBr** = Pato Branco; **PoA** = Porto Alegre; **SLi** = Santana do Livramento; **Taq** = Taquara; **Cha** = Chapecó; **FC** = Flores da Cunha; e **Pan** = Panambi.

Trabalho	Generalização	apl	Cidade	Posição σ	Infs.	Dados
Monaretto (1997a,b)	Brescancini e Monaretto (2008), Monaretto (2009)	r	PoA,Flo,Cur	coda	36	3994
Monguilhot (1997)		Ø	Flo,Cha,Lag,Blu	coda	32	800
Rossi (2000)		r	FC,Cha	ataque	32	1044
Monaretto (2001)		r	FC,Pan	ataque/coda	24	4068
Gregis (2001)		Ø	PoA	coda	24	6474
Monaretto (2002)		Ø	PoA	coda	36	3606
Pimentel (2003)		r, Ø	PoA	coda	8	2119
Rigatti (2003)		r r	Pan	ataque	16	1044
Spessatto (2003)		r	Cha	ataque	24	3217
Monaretto (2000)	Brescancini e Monaretto (2008)	Ø	PoA-RS,Flo,Cur	coda	36	5702
Silveira (2010)		Ø	Lag,Blu,Lon,PBr	coda	46	5805

Tabela 3. Trabalhos sobre generalização de dados no VARSUL – Brescancini e Monaretto (2008) e Monaretto (2009)

Brescancini e Monaretto (2008) traçam um panorama geral dos róticos no VARSUL, com base em Bailey e Tillery (2004). As autoras explicam que, no VARSUL, a variável rótica está principalmente condicionada pelo grupo geográfico e pela posição que ocupa na sílaba, e a maior variação está em final de final de palavra. Para a posição de coda, observou-se que a variável se realiza a depender de diferentes etnias do Rio Grande do Sul.

Assim como Brescancini e Monaretto (2008), Monaretto (2009) também encontrou diferenças na realização do rótico que dizem respeito à posição da sílaba e ao grupo geográfico. A autora aponta ainda que o rótico está sofrendo um processo de mudança, passando de anterior a posterior, diferentemente de outros lugares no Brasil.

Uma vez apresentados os trabalhos sobre generalização de dados no VARSUL, passamos a tratar na próxima seção das análises dos dados propriamente dita.

AS ANÁLISES DOS TRABALHOS: UMA BUSCA POR GENERALIZAÇÃO DE DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise do rótico no VARSUL, com vistas à generalização. Na seção 1.4, está a generalização do tipo restrito, em que estão apresentados todos os trabalhos sobre os róticos e suas características (origem dos dados, constituição das amostras e estratégias analíticas), a fim de verificar regularidade e intersubjetividade nos estudos, como propõem Bailey e Tillery (2004). Na seção 1.5, está exposta a generalização de modo abrangente, em que os trabalhos

foram comparados com o propósito de agregar resultados; as análises estão apresentadas nas subseções de apagamento do rótico (cf. 1.5.1) (incluindo uma comparação do processo em verbos vs. não verbos em 1.5.1.1) e de realização dos róticos (ver 1.5.2), em ambas as posições de ataque e de coda.

1.4. ANÁLISE DO TIPO RESTRITO: A PROPOSTA DE BAILEY E TILLERY (2004)

Na Tabela a seguir, estão os oito trabalhos que tratam da variável /r/ no VARSUL⁹ e, para uma melhor visualização, os estudos estão dispostos de acordo com a semelhança da variável independente:

Trabalhos	dep/apl	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc.	Inf.
Bertani (1998)	Ø r	PoA	1988-1996	25-49,+50	4,8,11	12
Monaretto (2000)	Ø r	Cur,Flo, PoA	1988-1996	25-39, 40-54,+55	8,11	36
Monaretto (2002) NURC	Ø r	PoA	1970	25-39, 40-54	15	12
Monaretto (2002) VARSUL			1989	25-39, 40-54,+55	4,8,11	12
Monaretto (2002) Complementar			1999	40-54,+55	15	6
Gregis (2001)	r Ø r x r t	PoA	1988-1996	-50,+50	4,8,11	24
Silveira (2010)	r Ø r x r t	Blu,Lag, Lon,PBr	1988-1996	25-34, 35-45,+46	-4,+4	48
Reinecke (2006)	r r	Blu,Lag	1988-1996	25-49,+50	4,8,11	20
Monaretto (1992)	ant r r t	MoB,PoA, SLi,Taq	1977	20-40, 41-55	4	28
Monaretto (1997a,b)	r r x r t	Cur,Flo, PoA	1988-1996	25-49, +50	4,8,11	36

Tabela 4. Características dos trabalhos sobre a realização e apagamento de róticos no VARSUL

Inicialmente, há quatro pontos a serem observados sobre as pesquisas: o primeiro diz respeito à pesquisa de Reinecke (2006), em que dois aspectos do /r/ foram estudados, a vibrante alveolar **r** e o tepe **r**. A autora fez uma investigação funcionalista do rótico e, por ser uma abordagem diferente, não há como fazer uma

⁹ Pesquisas sobre o rotacismo, ainda que do banco VARSUL, não foram consideradas neste trabalho, uma vez que tratam de outro fenômeno, definido por Battisti e Martins (2011, p. 147) como o uso da vibrante simples em lugar da múltipla, em que há “[...] um emprego inesperado em português, mas peculiar às comunidades brasileiras em que houve ou ainda há o contato do português com falares dialetais de imigrantes (italianos, alemães, entre outros) e seus descendentes”. Dois exemplos desse processo fonológico são com berro ~ bero, arroz ~ aroz. Sobre esse tema, cf. trabalhos do VARSUL: Azeredo (2012), Battisti e Martins (2011), Costa (2006, 2007, 2011, 2013), Rossi (2000) e Spessatto e Gorski (2003).

generalização do trabalho de Reinecke (2006) com os demais, que são variacionistas. Outro ponto relaciona-se a Monaretto (1992): nesse trabalho, a autora investigou a variável dependente de realização do /r/ anterior vs. /r/ posterior e, por ser diferente dos demais (que estudaram variantes de apagamento e realização do rótico), não entrou nas comparações. O terceiro ponto é sobre Monaretto (2002), que trabalhou com dados de Porto Alegre, provindos de três bancos de dados diferentes (cf. Monaretto 2002:258):

- (i) a amostra do NURC (Projeto da Norma Urbana Culta), que abrange cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, e a coleta de dessa última capital, utilizada por Monaretto (2002), foi feita em 1970;
- (ii) a amostra básica do VARSUL, que conta com dados coletados entre 1988-1996 no Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Panambi, Flores da Cunha e São Borja) e nos demais Estados entre 1990-1996 (Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages-SC; Curitiba, Pato Branco, Irati e Londrina-PR) – os dados de Porto Alegre foram coletados especificamente em 1989;
- (iii) a amostra Complementar do VARSUL, que contém dados de crianças e jovens; de localidades que não tinham sido contempladas na amostra básica (como Barra da Lagoa e Ribeirão da Ilha, ambas em Florianópolis; Rincão Vermelho e São José do Norte-RS); de cidades de dois estados da Região Norte (Pará e Piauí) e do português europeu falado em Lisboa; de informantes com nível superior (Porto Alegre, Monte Bérico, Taquara, Santana do Livramento, Flores da Cunha-RS; Florianópolis e Chapecó-SC; e Curitiba-PR); e de Recontato da amostra do NURC, feita entre 1998-2000, com falantes de nível superior. Monaretto (2002:258) explica em nota: “Destes, analisamos seis pessoas que tiveram sua fala gravada, pela primeira vez, em 1970 e, pela segunda vez, em 1999.”

A partir dessas três amostras da capital gaúcha, o objetivo de Monaretto (2002) foi verificar, com base em outros dialetos do PB (como o carioca, cf. Callou, Moraes e Leite 1998), se há uma mudança em curso ou variação estável do apagamento do rótico na posição de coda no Sul do país. Da análise em tempo aparente, a autora verificou que os mais jovens favorecem o apagamento do /r/ em

coda final, o que pode representar uma mudança em progresso (cf. Labov 1972).

Uma vez que Monaretto (2002) apresenta resultados separados das três amostras, podemos considerar cada uma delas como se fossem trabalhos independentes, e é essa a razão de as pesquisas sobre o NURC, o VARSUL e a amostra Complementar estarem apresentadas separadamente na Tabela 4. Monaretto (2002: 258) explica:

[...] para retratar o processo de mudança da vibrante na região Sul, buscamos dados pertencentes a diferentes coletas representativas da comunidade em estudo [Porto Alegre,] valiosas para interpretar a vibrante através dos tempos.

A quarta observação diz respeito aos trabalhos de Monguilhot (1997) e Pimentel (2003), abordados em Brescancini e Monaretto (2008) (cf. Tabela 3), que não serão tratados neste artigo: não são trabalhos do VARSUL – Monguilhot trabalha com o Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo)Linguística em Florianópolis; e Pimentel, com uma coleta realizada pela autora.

Com relação às características dos trabalhos apresentados Tabela 4, nota-se que a igualdade na configuração das variáveis dependentes nos trabalhos de Monaretto (2000), Monaretto (2002) e Bertani (1998) possibilita a comparação, já que tratam do apagamento vs. realização do rótico. Da mesma forma, são passíveis de generalização as variáveis dependentes de Silveira (2010) e Gregis (2001), pois as cinco variantes são as mesmas: a vibrante alveolar **r**, a fricativa velar **x**, o tepe **ɾ**, a retroflexa **ɻ** e o apagamento **Ø**.

No entanto, não há possibilidade de generalização nos demais trabalhos, pois as variáveis dependentes são todas diferentes: em Monaretto (1997a,b), as variantes são a vibrante alveolar **r**, a fricativa velar **x**, o tepe **ɾ** e a retroflexa **ɻ**; na pesquisa de Monaretto (1992), o fator de aplicação da variável dependente é o /r/ anterior.

Assim, há duas possibilidades de comparação relacionadas às variáveis dependentes:

- (1) o apagamento do rótico, nos trabalhos de Bertani (1998) e Monaretto (2000, 2002);
- (2) a realização do rótico, com o conjunto de variantes **r**, **x**, **ɾ**, **ɻ** e **Ø**, em que há possibilidade de generalização com as pesquisas de Silveira (2010) e de Gregis (2001).

Uma vez verificada a possibilidade de generalização de acordo com a igualdade de variáveis dependentes, passamos às configurações dos grupos de fatores externos, que devem ser iguais, segundo Bailey e Tillery (2004). Com relação às cidades, Bertani (1998) e Monaretto (2002) dedicaram-se à cidade de Porto Alegre e Monaretto (2000), às três capitais da Região Sul, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre; assim, os trabalhos comparáveis são os dois primeiros. No que diz respeito às coletas, o período dos trabalhos apresentados em (1) são os seguintes: Bertani (1998) vai de 1988 a 1996 e, nas amostras de Monaretto (2002), há uma diferença de 19 anos entre a coleta do NURC (1970) e a do VARSUL (1989), e de 10 anos entre essa e a Complementar (a coleta de recontato com falantes da amostra do NURC de 1970, feita no VARSUL, em 1999). Assim, nos termos de Bailey e Tillery (2004), não é possível fazer generalizações quanto à constituição das amostras.

Seria possível considerar uma comparação entre Bertani (1998) e a amostra do VARSUL (1989) de Monaretto (2002), uma vez que o banco de dados é o mesmo (ambas são amostras do VARSUL) e a estratificação de Escolaridade é a mesma (os informantes frequentaram escolas por 4, 8 e 11 anos). Entretanto, Bertani (1998) utilizou duas faixas etárias (com falantes de 25 a 49 anos e com mais de 50 anos) e há três na amostra do VARSUL em Monaretto (2002) – de 25 a 39, de 40 a 54 e mais de 55 anos. Portanto, os grupos de fatores externos utilizados por Monaretto (2000, 2002) e Bertani (1998), trabalhos que tratam do apagamento do rótico, impedem generalizações de dados.

Com relação ao segundo conjunto, apresentado em (2), podemos verificar na Tabela 4 que, em Gregis (2001) e Silveira (2010), a época das coletas é a única característica igual nesses dois trabalhos, já que ambas trabalharam com amostras do VARSUL, coletadas de 1988 a 1996. Mas todas as outras variáveis são diferentes: enquanto Gregis (2001) analisou Porto Alegre, Silveira (2010) trabalhou com 4 cidades, quais sejam: Blumenau, Lages, Londrina e Pato Branco; no primeiro trabalho, a primeira faixa é de pessoas com menos de 50 e a segunda, com mais de 50 anos de idade; no segundo trabalho, há três faixas, de 25 a 34 anos, de 35 a 45 anos e de mais de 46 anos; finalmente, para o grupo de fatores Escolaridade, os falantes em Gregis (2001) cursaram o primário, o ginásio e o 2º grau, na terminologia da época, isto é, passaram 4, 8 e 11 anos na escola, respectivamente, e no trabalho de Silveira (2010), há duas variantes, em que os falantes estudaram até o primário e acima desse

estágio escolar – ou seja, são pessoas que completaram até 4 anos escolares e outros falantes com mais de 4 anos.

Diante do exposto, as características dos conjuntos de trabalhos comparáveis apresentados em (1) (Bertani 1998 e Monaretto 2000, 2002, sobre o apagamento do rótico) e em (2), (Silveira 2010 e de Gregis 2001, sobre a realização do rótico como **r**, **x**, **ɾ**, **ɽ** e **Ø**), as configurações das variáveis externas impediram quaisquer generalizações de dados sobre os róticos no VARSUL, nos termos de Bailey e Tillery (2004).

Assim, não foi possível efetuarmos comparações dos trabalhos do VARSUL sobre apagamento e realização do rótico, seguindo a concepção de generalização de Bailey e Tillery (2004).

Na próxima seção, propomos uma alternativa para generalizar resultados do VARSUL.

1.5. ANÁLISE DO TIPO ABRANGENTE: UMA GENERALIZAÇÃO DOS RÓTICOS NO VARSUL

Nesta subseção, estão as análises de generalização de dados do tipo abrangente: na subseção 1.5.1, tratamos do apagamento do rótico, sendo considerada também uma generalização com verbos vs. não verbos (cf. 1.5.1.1). Na subseção 1.5.2, estão apresentados trabalhos sobre as possíveis realizações do /r/, observando-se ainda sua posição, no ataque ou na coda.

Para facilitar a leitura e a interpretação dos dados, apresentamos novamente as características dos trabalhos em cada tabela.

1.5.1. APAGAMENTO

No VARSUL, encontramos cinco trabalhos que estudaram o apagamento do rótico (Bertani 1998, Gregis 2001, Monaretto 2000, 2002 e Silveira 2010, cf. Tabela 4).

Primeiramente, consideramos o /r/ em **posição de ataque**, cujos resultados estão apresentados a seguir:

Trabalho	Ø	N	%	Posição	Exemplo	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Silveira (2010)	0	532	0	medial seguido de consoante	honra	Blu,Lag, Lon,PBr	1988-1996	25-34, 35-45,+46	-4,+4
	1	856	0	início de palavra	rato				

Tabela 5. Resultados sobre o apagamento do rótico em **posição de ataque** no VARSUL

Na Tabela 5, observamos que não há variação em posição de ataque, já que o rótico é categoricamente preservado, independentemente de sua manifestação, como mostra Silveira (2010), que é também apontado nos dois trabalhos sobre generalização dos róticos: Brescancini e Monaretto (2008:55) e Monaretto (2009:146) encontraram 0% de apagamento em posição de ataque.

Para o apagamento em coda, podemos generalizar de acordo com três posições: coda no meio da palavra, como em “parte”; coda em final de nomes, como em “mar”; e coda em final de verbos, como em “cantar”. Para as autoras, há uma diferença na direção da tendência para apagamentos em final de nomes ou em final de verbos (cf. Tabela 7, em que estão apresentados apagamento em final de nomes, e na Tabela 8, em final de verbos).

Deste ponto em diante, como já dito na seção 1.2, usamos as setas ↑ e ↓, para indicar, respectivamente, favorecimento e desfavorecimento dos fatores.

A seguir, estão os resultados para o apagamento em **coda medial**:

Trabalho	Ø	N	%	tend	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Gregis (2001)	274	2.590	11	↓	PoA	1988-1996	-50,+50	4,8,11
Silveira (2010)	37	1.908	2	↓	Blu,Lag,Lon,PBr	1988-1996	25-34,35-45,+46	-4,+4

Tabela 6. Resultados sobre o apagamento do rótico em **coda medial** no VARSUL

Na Tabela 6, o apagamento de coda dentro da palavra é desfavorecido tanto na capital gaúcha (Gregis 2001) quanto no interior de Santa Catarina (Blumenau e Lages) e no interior do Paraná (Londrina e Pato Branco) – para as cidades do interior, cf. Silveira (2010).

Com relação ao apagamento em **coda final de nomes**, apresentamos a seguir os resultados:

Trabalho	Ø	N	%	tend	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (2002) NURC	6	619	1	↓	PoA	1970	25-39,40-54	15
Monaretto (2002) VARSUL	36	559	6	↓	PoA	1989	25-39,40-54,+55	4,8,11
Monaretto (2000)	274	2.836	10	↓	Cur,Flo,PoA	1988- 1996	25-39,40-54,+55	8,11
Gregis (2001)	70	870	8	↓	PoA	1988- 1996	-50,+50	4,8,11
Silveira (2010)	89	3.361	3	↓	Blu,Lag, Lon,PBr	1988- 1996	25-34,35-45,+46	-4,+4
Monaretto (2002) Complementar	15	718	2	↓	PoA	1999	40-54,+55	15

Tabela 7. Resultados sobre o apagamento do rótico em **coda final de nomes** no VARSUL

Da mesma forma que na posição de coda no meio da palavra (cf. Tabela 6), podemos notar na Tabela 7 que o apagamento da coda medial em nomes é desfavorecido nas capitais gaúcha, paranaense e catarinense, assim como no interior de Santa Catarina (Blumenau e Lages) e no interior do Paraná (em Londrina e Pato Branco).

A seguir, estão os resultados de apagamento do rótico em **coda final de verbos**:

Trabalho	Ø	N	%	tend	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (2002) NURC	170	468	36	↓	PoA	1970	25-39,40-54	15
Monaretto (2002) VARSUL	410	511	80	↑	PoA	1989	25-39,40-54,+55	4,8,11
Bertani (1998)	2.297	2.368	97	↑	PoA	1988- 1996	25-49,+50	4,8,11
Monaretto (2000)	2.223	2.766	80	↑	Cur,Flo,PoA	1988- 1996	25-39,40-54,+55	8,11
Gregis (2001)	2.856	2.980	96	↑	PoA	1988- 1996	-50,+50	4,8,11
Silveira (2010)	1.653	2.445	68	↑	Blu,Lag, Lon,PBr	1988- 1996	25-34,35-45,+46	-4,+4
Monaretto (2002) Complementar	559	731	76	↑	PoA	1999	40-54,+55	15

Tabela 8. Resultados sobre o apagamento do rótico em **coda final de verbos** no VARSUL

Diferentemente da tendência de apagamento da coda medial e da coda em final de nomes, a grande maioria dos trabalhos apresentados na Tabela 8 tem uma tendência a favorecer o apagamento do /r/ em coda final nos verbos, com exceção de Monaretto (2002), na análise da amostra do NURC, que desfavorece o processo.

As coletas da grande maioria dos estudos data das décadas de 80 e 90: Monaretto (2002) (amostra básica do VARSUL), Bertani (1998), Monaretto (2000),

Gregis (2001), Silveira (2010) e Monaretto (2002) (amostra Complementar). Interessantemente, a coleta de Monaretto (2002) – NURC foi feita em 1970, e temos aqui um dado muito importante para os estudos linguísticos, pois podemos observar que o apagamento do rótico ainda não era favorecido em Porto Alegre. Enfatizamos que esse resultado seria perdido seguindo-se a proposta de Bailey e Tillery (2004) – pois há diferenças nas datas das coletas.

Na seção a seguir, comparamos os resultados de verbos vs. não verbos.

1.5.1.1. VERBOS VS. NÃO VERBOS

Como vimos na subseção anterior, o apagamento na posição de ataque é inexistente e, na posição de coda em final de palavra, é desfavorecido em nomes e favorecido em verbos.

Nesta subseção, o objetivo é comparar os dados de apagamento do /r/ no VARSUL de coda final em verbos ou em não verbos. Collischonn e Monaretto (2012: 847) explicam que:

A regra variável de apagamento da vibrante pós-vocálica, por exemplo, ao ser examinada por diferentes pesquisadores e localidades do Banco VARSUL, e por estratégias analíticas, por vezes, também divergentes, pode ser generalizada por ter sido apontada, unanimemente em todos trabalhos, por ocorrer em final de verbos no infinitivo.

Essa citação de Collischonn e Monaretto (2012), que também corrobora a afirmação de Brescancini e Monaretto (2008:64), tem grande importância para o presente trabalho, pois mostra que, mesmo que a origem dos dados (tratando de cidades diferentes), a constituição das amostras e as estratégias analíticas sejam diferentes, os resultados podem mostrar generalizações com regularidades.

Assim, nesta subseção, separamos os dados de apagamento em **coda final de verbos vs. não verbos** a fim de verificar como se dá essa diferença nos resultados apresentados na subseção 1.5.1:

Trabalhos	Não verbos			Verbos			N	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
	Ø	%	tend	Ø	%	Tend					
Monaretto (2002) NURC	6	3	↓	170	97	↑	176	PoA	1970	25-39, 40-54	15
Monaretto (2002) VARSUL	36	8	↓	410	92	↑	446	PoA	1989	25-39, 40-54, +55	4,8,11
Bertani (1998)	-	-	-	2.297	97	↑	2.368	PoA	1988-1996	25-49, +50	4,8,11
Monaretto (2000)	274	11	↓	2.223	89	↑	2.497	Cur,Flo, PoA	1988-1996	25-39, 40-54, +55	8,11
Gregis (2001)	70	2	↓	2.856	98	↑	2.926	PoA	1988-1996	-50, +50	4,8,11
Silveira (2010)	89	5	↓	1.653	95	↑	1.741	Blu,Lag, Lon,PBr	1988-1996	25-34, 35-45, +46	-4,+4
Monaretto (2002) Complementar	15	3	↓	559	97	↑	574	PoA	1999	40-54, +55	15

Tabela 9. Resultados sobre o apagamento do rótico em **coda final de verbos vs. não verbos** no VARSUL

Na Tabela 9, verificamos que há favorecimento de apagamento na posição de coda em final de verbos. Segundo Bertani (1998) e Gregis (2001), nessa posição, não há variação, pois o apagamento é categórico, ainda que o /r/ seja morfológico.

Com relação a não verbos, como se vê na Tabela 9, há desfavorecimento de apagamento do /r/ nos resultados de todos os trabalhos. Gregis (2001) apresenta indícios de condicionamento fonológico nessa posição: o contexto precedente do rótico é significativo em não-verbos, pois as vogais arredondadas desfavorecem o processo; há favorecimento de apagamento em sílaba átona; e monossílabos desfavorecem o apagamento, e exemplifica que as formas “fazê” (*fazer*), “trabalhá” (*trabalhar*), “estudá” (*estudar*) podem ser mais usadas do que “sê” (*ser*), “tê” (*ter*), “fô” (*for*).

Se, por um lado, Gregis (2001) encontrou interferências fonológicas em seu trabalho, por outro lado, a autora explica que o apagamento da coda em final de não verbos parece depender ainda do léxico, atuando em determinados vocábulos ou expressões isoladas. Nessa linha, Silveira (2010) fez uma análise lexical comparativa de seus dados com outros trabalhos e constatou que algumas palavras apresentam o apagamento do rótico de modo específico: na preposição “por”, no pronome “qualquer” e nos substantivos “lugar”, “mulher” e “senhor”. Assim, para Silveira (2010), parece não haver uma regra fonológica atuando, mas há indicadores de difusionismo, em que o apagamento de coda em não verbos depende de

determinadas palavras.

Ao comparar os resultados de verbos (com favorecimento do processo) vs. não verbos (o apagamento é desfavorecido), consideramos que as regras de apagamento para essas duas classes morfológicas são diferentes, como salientaram Brescancini e Monaretto (2008:65):

No primeiro caso [verbos], destacam-se a posição final de palavra, os verbos no infinitivo e a faixa etária mais jovem, elemento condicionador importante para a caracterização de um processo que caminha para uma situação de mudança. Quanto aos não-verbos, destacam-se nos estudos como condicionadores os monossílabos e a localização do /r/ em sílaba átona.

Gregis (2001) também encontrou resultados de mudança em curso, pois, no apagamento final de verbos, há um favorecimento manifestado pelos mais jovens.

Como foi observado nesta subseção, os resultados de apagamento, tanto em ataque quanto em coda, são consistentes entre os trabalhos, apresentando regularidade e intersubjetividade, embora não haja características semelhantes, como estabelecem Bailey e Tillery (2004).

1.5.2. REALIZAÇÃO

Há cinco trabalhos que tratam da realização do /r/ no VARSUL, que investigam a posição de ataque (cf. Monaretto 1992, Monaretto 1997a,b e Silveira 2010) quanto a de coda (cf. Monaretto 1992, Monaretto 1997a,b, Gregis 2001 e Silveira 2010). Todos os autores trabalharam com variáveis dependentes semelhantes, como foi apresentado na Tabela 4, tendo como variantes em comum **r**, **x**, **ɾ** e **ʀ**, com exceção de Monaretto (1992), que estudou a produção do /r/ anterior vs. posterior.

Iniciamos a exposição com os dados dos trabalhos de realização do rótico com as variantes **r**, **x**, **ɾ** e **ʀ**, cujos resultados dos valores e das frequências estão apresentados abaixo:

Trabalho	Posição na sílaba	Posição na palavra	N					%			
			r	x	ɾ	ɽ	total	R	x	ɾ	ɽ
Monaretto (1997a,b)	ataque	inicial	222	552	8	15	797	28	69	1	2
Silveira (2010)			295	459	100	1	855	35	54	12	0
Monaretto (1997a,b)		precedido por C	8	3	0	0	11	73	27	0	0
Silveira (2010)			235	238	59	0	532	44	45	11	0
Monaretto (1997a,b)		intervocálico	224	408	6	3	641	35	64	1	0
Monaretto (1997a,b)		coda	medial	127	499	1.229	157	2.012	6	25	61
Silveira (2010)	6			139	883	843	1.871	0	7	47	45
Gregis (2001)	27			60	2.200	29	2.316	1	3	95	1
Monaretto (1997a,b)	final		46	108	339	40	533	9	20	64	8
Silveira (2010)			7	23	470	305	805	1	3	58	38
Gregis (2001)			32	15	874	29	950	3	2	92	3

Tabela 10. Resultados sobre a realização do rótico no VARSUL

Para facilitar a leitura das interpretações feitas, os dados estão separados nas Tabelas a seguir de acordo com posição na palavra e na sílaba na realização do /r/ (em cada Tabela, colocamos um exemplo das posições, que aparecem em negrito) e, em cada uma delas, as características dos trabalhos também foram inseridas.

Os resultados de realização do /r/ em **posição de ataque inicial** foram os seguintes:

Trabalho (rato)	tend				Características			
	r	x	ɾ	ɽ	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (1997a,b)	↓	↑	↓	↓	Cur,Flo,PoA	1988-1996	25-49,+50	4,8,11
Silveira (2010)	↓	↑	↓	↓	Blu,Lag,Lon,PBr	1988-1996	25-34,35-45,+46	-4,+4

Tabela 11. Resultados sobre a realização do rótico em **posição de ataque inicial** no VARSUL

Como se vê acima, as tendências de realização do /r/ em ataque inicial são as mesmas nos trabalhos de Monaretto (1997a,b) e de Silveira (2010). Nessa posição, a variante **x** é a mais favorecida, tanto nas capitais quanto nas cidades do interior de Santa Catarina (Blumenau e Lages) e do Paraná (Londrina e Pato Branco). Como foi

visto na subseção 1.5.1.1, mesmo que diferentes pesquisadores tenham trabalhado com localidades e estratégias analíticas divergentes, o resultado pode ser o mesmo (Collischonn e Monaretto 2012: 846). E esse parece ser o caso: podemos dizer que, em posição inicial, a produção que mais ocorre no Sul do país é **x**, ainda que em cidades diferentes e com falantes de faixas etárias e escolaridades diferentes.

Na tabela abaixo, estão os resultados para /r/ precedido por consoante:

Trabalho (honra)	tend				Características			
	r	x	ʀ	ɾ	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (1997a,b)	↑	↓	↓	↓	Cur,Flo,PoA	1988-1996	25-49,+50	4,8,11
Silveira (2010)	↑	↑	↓	↓	Blu,Lag,Lon,PBr	1988-1996	25-34,35-45,+46	-4,+4

Tabela 12. Tendências da realização do rótico em **posição de ataque precedido por consoante** no VARSUL

Na Tabela 12, há favorecimento de **r** nas capitais da região Sul (cf. Monaretto 1997a,b) e no interior de Santa Catarina e do Paraná; além do favorecimento de **r**, notamos que há uma tendência para **x** nas quatro cidades estudadas por Silveira (2010), Blumenau, Lages, Londrina e Pato Branco.¹⁰

O panorama geral sobre a realização do rótico em posição de ataque no Sul do país foi observado da seguinte forma por Brescancini e Monaretto (2008:55) e Monaretto (2009:146): houve 40% de realização da fricativa velar **x**, 30% da vibrante alveolar **r**, 25% de tepe **r** e 0% de retroflexo **ɾ** e de apagamento.

Dos trabalhos sobre coda medial, foram encontrados os seguintes resultados:

Trabalho (parte)	tend				Características			
	r	x	ʀ	ɾ	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (1997a,b)	↓	↓	↑	↓	Cur,Flo,PoA	1988-1996	25-49,+50	4,8,11
Silveira (2010)	↓	↓	↑	↑	Blu,Lag,Lon,PBr	1988-1996	25-34,35-45,+46	-4,+4
Gregis (2001)	↓	↓	↑	↓	PoA	1988-1996	-50,+50	4,8,11

Tabela 13. Tendências da realização do rótico em **posição de coda medial** no VARSUL

Podemos notar que os resultados de Monaretto (1997a,b), Gregis (2001) e Silveira (2010) têm a mesma tendência, com favorecimento de **r** em coda medial e desfavorecimento das demais variantes, com exceção de **ɾ** nos resultados de Silveira (2010), uma vez que essa variante é favorecida. Esses resultados são esperados, uma

¹⁰ Chamamos a atenção para o fato de que, em Monaretto (2002), há poucos dados: **r**=8, **x**=3, **ʀ**=0, **ɾ**=0. Entretanto, a tendência é semelhante em ambos os trabalhos – cf. Tabela 10.

vez que **r̥** aparece de forma mais robusta no estado do Paraná – nas cidades de Blumenau, Lages, Londrina e Pato Branco.

Na Tabela apresentada abaixo, estão os resultados de coda final no VARSUL:

Trabalho (mar)	tend				Características			
	r	x	r̥	ɾ	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (1997a,b)	↓	↓	↑	↓	Cur,Flo,PoA	1988-1996	25-49,+50	4,8,11
Silveira (2010)	↓	↓	↑	↓	Blu,Lag,Lon,PBr	1988-1996	25-34,35-45,+46	-4,+4
Gregis (2001)	↓	↓	↑	↓	PoA	1988-1996	-50,+50	4,8,11

Tabela 14. Tendências da realização do rótico em **posição de coda final** no VARSUL

Com relação à coda em final de palavra, os resultados são os mesmos nos três trabalhos, pois há favorecimento de **r** e desfavorecimento de **r̥**, **x** e **ɾ** tanto nas capitais quanto nas cidades do interior de Santa Catarina e do Paraná.

Os dois resultados apresentados nas Tabelas a seguir são de dois únicos trabalhos que analisaram resultados para ataque intervocálico. A diferença entre eles é que Monaretto (1997a,b) estudou as variantes **r̥**, **x**, **r̥** e **ɾ**, enquanto que Monaretto (1992) analisou o /r/ como anterior vs. outras variantes. Assim, os resultados não são comparáveis, uma vez que as variáveis dependentes são diferentes e, por essa razão, estão apresentados em duas Tabelas separadamente:

Trabalho (carro)	tend				Características			
	r	x	r̥	ɾ	Cidade	Coleta	Faixa Etária	Esc
Monaretto (1997a,b)	↓	↑	↓	↓	Cur,Flo,PoA	1988-1996	25-49,+50	4,8,11

Tabela 15. Tendências da realização do rótico em **posição de ataque intervocálico** no VARSUL

No ataque dentro de palavras e entre vogais, a realização mais produtiva nas capitais é **x**, em contraposição a **r̥**, **r̥** e **ɾ**, como mostram as tendências de Monaretto (1997a,b) na Tabela 15.

Dos resultados gerais sobre a realização do rótico em posição de ataque, Brescancini e Monaretto (2008:55) e Monaretto (2009:146) mostram os seguintes resultados: a maioria das produções, com 60%, é o tepe **r̥**, seguido de 24% de apagamento, 10% da vibrante alveolar **r̥**, 5% retroflexo **ɾ** e 1% fricativa velar **x**.

Por fim, outro resultado de generalização encontrado neste estudo e em trabalhos do VARSUL que é bastante expressivo está relacionado ao papel da sílaba e da localidade na distribuição geral do rótico (Silveira 2010, Monaretto 2009,

Brescancini e Monaretto 2008, dentre outros).

Na Tabela 16 a seguir, está o panorama geral de realização do rótico no VARSUL (cf. Brescancini e Monaretto 2008:57, Monaretto 2009:150):

posição	PoA	FC	Pan	Flo	Lag	Blu	Cha	Cur	Lon	PBr
ataque	[x]	[r]	[r]	[x]	[r]	[r]	[r]	[r]	[x]	[r]
coda	[r]	[r]	[r]	[x]	[r]	[r]	-	[r]	[r]	[r]

Tabela 16. Frequência de realização do rótico de acordo com a cidade e a posição na sílaba no VARSUL (Brescancini e Monaretto 2008 e Monaretto 2009)

Como se pode observar, há variação do rótico nas localidades, condicionada ao posicionamento silábico: no ataque, há uma maior frequência de **r** nas cidades de Lages, Blumenau, Curitiba e Pato Branco; de **r** em Flores da Cunha, Panambi e Chapecó; e de **x** em Porto Alegre, Florianópolis e Londrina. Quanto à coda, há uma frequência mais alta de **x** em Florianópolis; de **r** em Flores da Cunha; de **r** em Londrina; e na grande maioria das cidades, a maior frequência na coda é de **r** em Lages, Blumenau, Curitiba, Pato Branco, Panambi e Porto Alegre.

Monaretto (2009:150) oferece ainda as variantes com maior frequência de uso na coda medial e final separadamente:

posição	FC	Pan	Lag	Blu	Lon	PBr
coda medial	[x]	[r]	[r]	[r]	[r]	[r]
coda final	∅	∅	∅	∅	∅	∅

Tabela 17. Frequência de realização do rótico de acordo com a cidade e a posição de coda silábica no VARSUL (Monaretto 2009)

Na coda medial, a maior frequência de realização de **r** surge em Flores da Cunha; de **r**, em Londrina e em Pato Branco; e de **r**, nas cidades de Panambi, Lages e Blumenau. Para a coda final, não há variação, uma vez que o rótico é sempre apagado.

Como se pôde observar nesta seção, há possibilidade de se encontrar regularidade e intersubjetividade em resultados, ainda que haja algumas divergências na origem dos dados (como localidades diferentes), na constituição das amostras (datas de coleta diferentes) e nas estratégias analíticas utilizadas. Entendemos que generalizar dados significa apresentar um panorama de um determinado dialeto, de uma dada região, de um certo tema, de um processo fonológico – como aquele feito neste artigo: consideramos que a generalização sobre o rótico no VARSUL foi

alcançada, de modo a delimitar em quais contextos há possibilidade de ocorrência da realização/apagamento de /r/.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo no presente artigo foi buscar generalizações sobre róticos em trabalhos do VARSUL. Para tanto, estudamos cinco possíveis realizações de /r/, quais sejam, apagamento, **r**, **x**, **r** e **ʀ**, observando-se as posições do segmento em questão tanto na sílaba quanto na palavra.

A busca por generalização de dados foi feita de duas formas. A primeira delas teve como base a proposta de Bailey e Tillery (2004) e, como pudemos verificar, não foi possível generalizar trabalhos nos termos desses autores, uma vez que a generalização é muito restritiva. Em outras palavras, há muito rigor que acaba necessariamente ocasionando impossibilidades de generalização. Para os autores (p. 11), esse tipo de generalização pode constatar que há trabalhos com problemas metodológicos, com resultados diferentes, mesmo que haja características semelhantes. Entretanto, Rickford et al. (1991) mostram que não é necessariamente falha metodológica, mas sim diferentes modos de se observar a mesma variável (como foi apresentado na Tabela 2), o que foi exemplificado com cinco fórmulas de se estudar **is** e **are** no AAVE. Assim, entendemos que esse tipo de generalização restrita parece ser excepcionalmente interessante para confirmação de resultados.

A segunda forma de generalização teve como base a somatória de resultados, isto é, apresentamos os diversos aspectos de apagamento e realização de /r/, cuja implementação depende principalmente da posição na sílaba e da localidade do falante.

Por fim, enfatizamos a importância que generalizações de dados têm para a linguística, uma vez que está nela a possibilidade de traçarmos os mecanismos linguísticos do português brasileiro como um todo: uma tarefa extremamente necessária, mas ainda há muitas limitações a serem superadas.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Guy. A Perspective on African American English. *American Dialect Research*, ed. D. Preston, 287-318. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

- BAILEY, Guy; TILLERY, Jan. Some sources of divergent data in Sociolinguistics. In: FOUGHT, Carmen (ed.). *Sociolinguistic Variation: Critical Reflections*. New York: Oxford University, 2004. p. 11-30.
- BERTANI, Sílvia Renata. Análise fonológica do infinitivo na fala de Porto Alegre. *Revista Língua e Literatura*, ano 1, n. 1, p. 19-40, ago. 1998.
- BRESCANCINI, Cláudia R.; MONARETTO, Valéria N.O. Os róticos no sul do Brasil: Panorama e generalizações. *SIGNUM*, Londrina, v.11, n.2, p.51-66, dez. 2008.
- BUTTERS, Ronald; NIX, Ruth. The English of Blacks in Wilmington, North Carolina. *Language Variety in the South: Perspectives in Black and White*. MONTGOMERY, Michael B.; BAILEY, Guy, 254-263. University, AL: University of Alabama Press, 1986.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne Apagamento do R final no Dialeto Carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *D.E.L.T.A.*, v. 14, número especial, p. 61-72, 1998.
- COLLISCHONN, Gisela; MONARETTO, Valéria N.O. Banco de Dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *Alfa revista de lingüística*, v. 56, p. 835, 2012.
- CUKOR-AVILA, Patricia. Change and Stability in the Use of Verbal -S over Time in AAVE. *Englishes Around the World*, Vol. 1: General Studies, British Isles, North America. Studies in Honour of Manfred Garlach, ed. E. Schneider, 295-306. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- FASOLD, Ralph W. *Tense Marking in Black English*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1972.
- FOWLER, J. The social stratification of (r) in New York City department stores, 24 years after Labov. New York: *New York University unpublished manuscript*, 1986.
- GREGIS, H. *O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre*. 111f . Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Cambridge University Press. Cambridge, UK, 1966/2006.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1972.
- MATHER, Patrick-André. The social stratification of /r/ in New York City: Labov's department store study revisited. *Journal of English Linguistics* 40(4): 338-56, 2011.

MONARETTO, Valéria N.O. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. 104f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

_____. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. 213f. Tese (Doutorado em Lingüística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997a.

_____. Análise Sociolingüística da Vibrante no Sul do Brasil. *Graphos*, vol 2, nº 1, João Pessoa, 1997b.

_____. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais da fala do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, p.275-284, mar. 2000.

_____. O desenvolvimento da vibrante anterior na fala do sul do Brasil. *Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários*, 6, Feira de Santana, 2001. (Comunicação oral).

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009, p. 141-151.

MONGUILHOTT, Isabel O.S. A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. *Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*, 2, 1997, Florianópolis: UFSC: Celsul, 1997. CD-ROM.

PIMENTEL, Rosane M. *A variação lingüística do fonema /r/ na posição pós-vocálica em falantes da cidade de Porto Alegre*. 105f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

REINECKE, Katja. *Função e variação dos róticos em posição intervocálica na fala de Blumenau: uma abordagem funcional*. Tese (Doutorado em Lingüística) Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

RICKFORD, John. Grammatical Variation and Divergence in Vernacular Black English. *Internal and External Factors in Syntactic Change*, ed. M. Gerritsen and D. Stein, 175-200. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

RICKFORD, John R.; BALL, Arnetha; BLAKE, Renee; JACKSON, Raina; MARTIN, Nomi. Rappin on the Copula Coffin: Theoretical and Methodological Issues in the

Analysis of Copula Variation in African American Vernacular English. *Language Variation and Change* 3:103-132, 1991.

RIGATTI, Ana P. *Realização do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi, regiões de imigração alemã*. 2003; 88 f; Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ROSSI, Albertina. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 4, p. 54- 69, 2000.

SCHWINDT, Luiz C.S. *A harmonia vocálica nos dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. 1995. 76f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SILVA, Ailma N. *As pretônicas no falar teresinense*. Porto Alegre: PUCRS, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em Letras, 2009.

SILVEIRA, Giselle. *O Apagamento da vibrante na Fala do Sul do Brasil: sob ótica da palavra*. 129f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOMMER, Elisabeth. Variation in Southern Urban English. *Language Variety in the South: Perspectives in Black and White*, ed. M. Montgomery and G. Bailey, 180-201. University of Alabama Press, 1986.

SPESSATTO, Mary B. *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos, 2003.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing Sociolinguistic Variation. Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

TASCA, Maria. Variação e mudança no segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 2002, p.269-302.

WHITEMAN, Marcia F. Dialect influence in writing. In: M.F. Whiteman (Ed.) *Variation in writing: Functional and linguistic-cultural differences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1981.

WOLFRAM, Walter A. *A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1969.

_____. Black-White Speech Differences Revisited. *Black-White Speech Relationships*, ed. W. Wolfram and N. Clarke, 139-165. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1971.